

A arte de contar histórias no espaço escolar

Valéria SILVA¹

Camila Lima COIMBRA²

Resumo

As histórias são construções que a humanidade foi consolidando desde os tempos mais remotos, antes mesmo da existência da escrita, o homem sentiu necessidade de estabelecer comunicações. Esse legado cultural perpetuou por séculos, foi adquirindo formas que variaram com a época e o contexto histórico pertencente. As histórias contadas abarcam a dimensão do saber: promovem o desenvolvimento das crianças, estimulam a criatividade, propõem o senso estético e crítico, o desenvolvimento da oralidade, da escrita, e do campo visual, imprescindíveis ao processo de ensino-aprendizagem. A presença de momentos tão marcantes como estes na escola não pode ser relegada

¹ Especialista em Psicopedagogia e em Coordenação Pedagógica pela Universidade Federal de Uberlândia – (UFU). valeriasilvaluiz@hotmail.com.

² Doutora em Educação: Currículo pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC/SP. camila.coimbra@ufu.br.

apenas às horas de entretenimento, distração ou relaxamento para os alunos, nem devem apenas cumprir com a disciplina, conteúdo ou currículo. O objetivo deste artigo por meio da pesquisa bibliográfica é o de compreender o papel da contação de história no universo escolar. Para tanto se faz o seguinte questionamento: que lugar as mesmas ocupam nas instituições de ensino? Como se dá aplicação da contação de histórias na prática educativa? Qual a contribuição da mesma no processo de ensino aprendizagem? Quais as técnicas utilizadas para se contar histórias? O que desperta o interesse nos alunos? Foi utilizado como embasamento teórico autores que se debruçam sobre o tema de maneira consubstanciada; para a metodologia da pesquisa Gil (2003), Thiollent (1996), Ludke (1986), André (1985) dentre outros, em relação ao tema busquei os apontamentos de: Abramovich (1986), Coelho Novaes (2000), Coelho Bety (1986), Bussato (2006) Fonseca (2012) além de pesquisar documentos legais como referencial, diretriz, etc. Buscou-se a partir do tema exposto reflexões teóricas que servirão de subsídios com vistas à melhoria na formação docente.

Palavras-chave: Contação de histórias, espaço escolar, ensino-aprendizagem, formação docente.

Abstract

Stories are constructions that humanity has been consolidating since the earliest times, even before the existence of writing, man felt the need to establish communications. This cultural legacy perpetuated for centuries, was acquiring forms that varied with the time and the historical context pertaining. The stories told include the dimension of knowledge: they promote children's development, stimulate creativity, offer aesthetic and critical sense, orality, writing, and visual field development, which are essential to the teaching-learning process. The presence of such striking moments as these in school can not be relegated only to hours of entertainment, distraction or relaxation for students, nor should they only comply with discipline, content or curriculum. The purpose of this article through bibliographical research is to understand the role of storytelling in the school universe. Therefore, the following question is asked: what place do they occupy in educational institutions? How is storytelling applied in educational practice? What is the contribution of the same in the process of

teaching learning? What techniques are used to tell stories? What arouses interest in students? Theoretical background was used by authors who study the subject in a consubstantiated way; for the research methodology Gil (2003), Thiollent (1996), Ludke (1986), André (1985) among others, in relation to the subject I searched for the notes of Abramovich (1986), Coelho Novaes 1986), Bussato (2006) Fonseca (2012) in addition to researching legal documents as a reference, guideline, etc. Theoretical reflections that will serve as subsidies with a view to improving teacher training were sought from the exposed theme.

Keywords: Storytelling, school space, teaching-learning, teacher training.

INTRODUÇÃO

O contador de histórias cria imagens no ar, materializando o verbo e transformando-se, ele próprio, nesta matéria fluida que é a palavra. Ele empresta seu corpo, sua voz, seus afetos ao texto que ele narra, e o texto deixa de ser signo para se tornar significado (ou ao menos, assim deveria ser). (BUSSATO, 2006, p.79)

Este artigo é parte componente das atividades de conclusão do Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica oferecido pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Buscou-se abordar dentro do eixo das práticas pedagógicas a temática: Contação de histórias, através da compreensão e o papel da contação de história no universo escolar, indagando de maneira geral que lugar as mesmas ocupam nas instituições de ensino? Tal questionamento suscitou análises mais específicas acerca do tema tais como: entender como se dá aplicação da contação de histórias na prática educativa e qual a contribuição da mesma no processo de ensino aprendizagem, conhecer quais as técnicas utilizadas para se contar histórias e compreender o que desperta o interesse nos alunos.

Os motivos pelo qual optamos por discorrer sobre este tema se encontra no fato de ser professora e pedagoga da rede municipal de ensino de Uberlândia situação que nos instiga a aprimorar a prática docente; outro fator de destaque está na construção da minha identidade profissional docente à qual vou galgando aos poucos uma inserção na arte e a façanha de contar histórias, me tornar uma professora contadora de histórias. Tal qualificação exige estímulos advindos de estudos, leituras, análises, reflexão, inserção e atuação na

prática docente, apimentados por uma boa dosagem de dedicação e esforço.

Mesmo ciente que esta temática é assunto de interesse de vários autores e que existem publicações razoavelmente grande desta literatura, neste contexto o enfoque que será dado à pesquisa sinaliza o anseio por novos olhares acerca da compreensão de “que lugar a contação de histórias ocupa na escola?”, traz à tona elementos que me possibilitam dialogar: a teoria com a prática, verificar o processo de interação e desenvolvimento do aluno à luz desta arte, a aplicação da mesma na prática docente bem como identificar qual o papel que ela exerce na escola.

Partindo destes critérios considero as indagações suscitadas pertinentes e necessárias à dimensão que abarca a prática pedagógica; seja pela curiosidade epistemológica, pela provocação a novas descobertas, seja pelo poder instigador, criativo e imaginativo que as histórias provocam em nós, seja pela formulação de outros conceitos, seja pela relação intrínseca que move a curiosidade e o saber, seja pela estreita conexão que se estabelece quando se almeja propostas que buscam promover o avanço dos alunos, que anseiam recriar contextos significativos e situações de aprendizagem e desenvolvimento.

Com base no que foi indagado e nos critérios de classificação a que se aplicam as pesquisas, este estudo se concretiza como exploratório-descritiva na modalidade pesquisa bibliográfica, uma vez que objetiva tornar explícito o problema suscitado, por meio de abordagens flexíveis nas quais o contato cuidadoso e atento a produções já existentes possibilitará o aprimoramento das ideias vigentes, a curiosidade epistemológica, bem como ampliar os conhecimentos sobre o tema em questão.

Utilizar a pesquisa bibliográfica como procedimento metodológico prescinde ações previamente planejadas, estudos sistematizados no decorrer do levantamento de dados, requer também entender que é preciso estar atento ao objeto de estudo, isso demanda rigor científico e constante vigilância epistemológica, exige leituras apuradas e cautelosas, e só a partir daí poder interpretá-las por meio de diálogos escritos com a literatura que já foi produzida oriunda de diferentes fontes bibliográficas.

Como embasamentos teóricos serão utilizados autores que se debruçam sobre o tema e trazem colaborações efetivas para refletirmos sobre a temática, para a revisão da literatura no que concerne a metodologia da pesquisa Gil (2003), Thiollent (1996),

Ludke (1986), André (1985) dentre outros, quanto as abordagens que norteiam o problema gerado buscarei os apontamentos de: Abramovich (1986), Coelho Novaes (2000), Coelho Bety (1986), Bussato (2006), Reyes (2010), Machado (2004), Fonseca (2012) além de buscar subsídios em documentos legais como referencial, diretriz, etc.

Mesmo estando imersa na realidade pesquisada, pretende-se buscar respostas ao problema postulado sem a pretensão de promover alterações ou intervenções na realidade pesquisada, vislumbra colaborar para o aprimoramento de novos conhecimentos, instigar novas pesquisas, aguçar a curiosidade epistemológica, compreendendo que o processo no qual a pesquisa está inserida é complexo, inacabado e permanente.

DESENVOLVIMENTO

A trajetória e significado da contação de histórias

As histórias são construções que a humanidade foi consolidando desde os tempos mais remotos, antes mesmo da existência da escrita, o homem sentiu necessidade de estabelecer comunicações que a princípio se deram de forma bem rústica: em

pedras, depois por desenhos até chegar a escrita que também ganhou novos formatos com a tecnologia. Esse legado cultural perpetuou séculos e séculos e foi adquirindo formas e jeitos que variavam de acordo com a época e contexto histórico pertencente.

Todavia a tradição oral é parte constituinte do patrimônio cultural, seja como histórias guardadas na memória transmitidas de geração a geração, seja pelo reconto, pela tradição de um povo, sejam pelas fábulas, lendas, seja na mente de alguém, seja nos livros escondidas como um segredo a ser desvendada por um bom leitor que a partir do deleite dá novo sentido a leitura e a transforma.

A chave da questão está no teor e na grandeza que o contador de histórias dá a elas (as histórias), uma vez que com sua arte, possibilita transformar todo o universo das histórias em vivências e interações que despertam diferentes sentimentos e emoções no público que as ouve, o que as torna fascinante, instigante, algo fantasioso, repleto de magia, cheio de riqueza, provoca o lúdico, instiga sensações, desperta o medo, a tristeza, promove o prazer, a alegria, o riso frouxo, e tantas outras acepções. Toda essa gama de vivências e interações ocorre por uma relação recíproca, um trato, um combinado para quem ouve e para quem conta.

Contar histórias constitui-se num recurso inesgotável, atinge cada um de maneira peculiar, pode servir de acalanto, de exemplo, transmite ideias e valores, amplia o vocabulário e repertório verbal, pelas histórias as crianças experimentam o mundo, desenvolvem capacidades e potencialidades inerentes ao processo de maturação, interrelacionam os fatos do dia a dia, elevam a criatividade, abrem caminho para cada um construir sua própria história.

As histórias contadas abarcam também a dimensão do saber: promovem o desenvolvimento das crianças, estimulam a criatividade, propõem o senso estético e crítico, o desenvolvimento da oralidade, da escrita, e do campo visual, elementos imprescindíveis ao processo e ensino aprendizagem.

A presença de momentos tão marcantes como estes na escola não podem ser relegados apenas às horas de entretenimento, distração ou relaxamento para os alunos, nem ter a função apenas de cumprir com disciplina, conteúdo ou currículo. A contação de histórias deve ser marcada por vivências, momentos prazerosos e de significativas aprendizagens; como parte integrante da prática pedagógica que poderão propiciar: a fantasia, as brincadeiras, a imaginação, os jogos

teatrais, o faz de conta, a leitura de mundo e pertencimento a ele e essencialmente o despertar e aquisição de conhecimentos.

As histórias alimentam as brincadeiras de faz de conta das crianças, pois ampliam enredos, conflitos, personagens, cenários e desfechos. E, como num passe de mágica, as crianças viram reis, rainhas, dragões, cavaleiros, animais falantes, fadas, magos, bruxas, feiticeiros, heróis e heroínas, com escudos, coroas, poções mágicas, feitiços e poderes. Personagens que ganham vida e contexto nas brincadeiras infantis baseadas no vasto repertório do “era uma vez”. (FONSECA, 2012, p.24)

Quando nos reportamos às histórias simultaneamente voltamos nosso olhar para perspectivas teóricas e práticas imprescindíveis ao êxito desta arte. Torna-se essencial buscar abordagens e reflexões teóricas que abarcam o universo da contação de histórias compreendendo a importância desta arte e o papel que a mesma desempenha no universo escolar; com vistas à melhoria para formação docente, às metodologias utilizadas, aos recursos disponíveis, a forma como incide diretamente na formação dos alunos, são fatores preponderantes uma vez que além de toda dimensão que envolve a contação de histórias ela é o acesso direto e primeiro à literatura infantil, ela amplia as formas de conhecimentos, promove o diálogo entre diferentes áreas do conhecimento de maneira interdisciplinar.

Neste sentido para maior compreensão desta temática faz-se necessário investir na fundamentação teórica, nas interpretações subjetivas, nas relações com as práticas que envolvem os professores contadores de histórias e o papel que desempenham na escola no que tange a arte de contar histórias, no processo de construção dos saberes, na reconstrução de linguagens, no fazer pedagógico, na aplicação desta arte, no progresso de desenvolvimento integral dos alunos, sem abrir mão da correlação que deve ser feita com a realidade usufruindo da reflexão teórica que aponta novas relações com situações e vivências do cotidiano escolar.

A importância da arte de contar histórias

Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias[...]. (ABRAMOVICH,1995, p.16).

Em tempos contemporâneos onde a tecnologia tomou conta da vida das pessoas na qual basta um simples clique para termos acesso as mais diferenciadas formas de conhecimentos, a arte de contar histórias enseja novos desafios, tal situação emoldura o poder

significativo que recobre sobre a arte de contar histórias, bem como a responsabilidade daquele que se dispõe a esta arte.

Por ser uma arte evoca requisitos essenciais à sua tessitura, como: capacidade de memorização, gosto estético, a forma como se utiliza o espaço para promover a contação, o modo como o contador se apropria das histórias e as transmite, o olhar sensível e lúcido às diferentes linguagens verbais e não verbais, os combinados que narrador e ouvinte estabelecem, a seleção das histórias, o repertório, o gosto por esta arte, o tom da voz, a postura do narrador, o ritmo, o jogo de papéis, a dedicação, a pesquisa constante, dentre outras inúmeras façanhas que pressupõem exigências muito maiores que simplesmente reproduzir uma leitura de um livro. Como defende Abramovich (1995), “contar histórias é uma arte... é tão linda!!! É ela que equilibra o que é ouvido com o que é sentido [...]”. (p.18)

Vale ressaltar o destaque dado a contação de histórias nos documentos legais como parâmetros e referenciais curriculares, que respaldam a importância de promover momentos de leituras e contação de histórias nos espaços escolares, frisam que devem ser oferecidas aos alunos as múltiplas experiências e linguagens contidas nestes momentos, acrescentam que a literatura infantil é o canal capaz

de promover desde a mais tenra idade a oportunidade de as crianças vivenciarem de forma autônoma e crítica as diferentes formas de ler o mundo tanto o real quanto o imaginário.

Especialistas e estudiosos corroboram com esta ideia, comungam que a prática da contação da história permite que a criança se aproprie deste momento de maneira singular, atribuindo a ele diferentes sensações e emoções como resolução de conflitos, valor simbólico, abre o canal da imaginação, fantasia, faz-de-conta, as descobertas, a diversão, dentre outros; os ouvintes se tornam parte pertencente da história, se reconhecem nela, desenvolve competências, ampliam enredos, etc. Como salienta Reys (2010, p. 66):

Embora pareça paradoxal, é na escuta atenta da narração oral que a criança se encontra com as leis da escritura e interioriza uma forma diferente de organização dos feitos, cuja coerência e coesão são muito mais intencionais do que as que se empregam para narrar os fatos cotidianos. Dado que a história - seja extraída de um livro, seja da memória coletiva - é “desenhada” a fim de ser contada para outras pessoas, nela existe uma vontade implícita de imaginar e de se adaptar ao ouvinte.

Partindo deste pressuposto Machado (2004), chama a atenção para que cada um desperte o contador de histórias que tem dentro de si, faça pesquisas, busque suporte material e técnicas sobre a arte de

contar histórias. Nas palavras dela funções e desdobramentos desta arte são de suma importância, bem como sua utilização pedagógica, seus propósitos e despropósitos.

Muitos autores como Zilberman (1987), Bussato (2006), Reyes (2010) sistematizam-na em tempos e espaços distintos, sinalizam que em diferentes momentos e contextos esta arte sempre se fez presente, assumindo delineamentos inerentes ao elemento cultural pertencente, fundamental para o desenvolvimento sócio histórico e cultural do ser humano; como salienta Oliveira apud Vygotsky (1997, p.57) “o ser humano cresce num ambiente social e a interação com outras pessoas é essencial ao seu desenvolvimento”.

Parece oportuno destacar que a arte das narrativas inseridas no universo escolar aponta para o despertar de horizontes que se constituem como valiosas e diferentes formas de linguagem, importantes canais de comunicação que sinalizam o desenvolvimento do conhecimento cognitivo, sensitivo e social, que se manifesta pelas relações da criança com as variadas expressões inseridas nesta arte, que provoca também o desenvolvimento do pensamento e ação.

Tudo que a criança experimenta a leva a novos desafios, é papel do adulto estimular as mediações e interações, o que torna

indispensável à presença de momentos de contação de histórias no espaço escolar que se converta em desdobramentos que sejam promotores de melhorias, suporte para múltiplas experiências, espaços de aprendizagens, dentre outros. A criança precisa se sentir protagonista da história, pertencente aquele momento, se enveredar pelos caminhos da imaginação, reviver lembranças, expressar emoções, resolver conflitos, intuir, opinar e se deixar contagiar pelo fascínio do mundo do faz-de-conta, do era uma vez, inebriada por estes caminhos experimentam outras possibilidades e outras tantas possibilidades. Bussato afirma que:

Se mergulhar neste universo é fascinante para nós, adultos, que esquecemos de nos inebriar com a magia, que dirá para a criança, a qual constrói deliberadamente um mundo onde tudo é possível, ao contar uma história para ela estaremos lhe oferecendo um alimento raro, pois iremos colaborar para que o seu universo se amplie e seja mais rico(...), também seremos uteis à imaginação e à fantasia, pois cada vez que contamos uma história perpetuamos a existência dos seres fantásticos, lhes damos vida e espaço para que se manifestem e encantem nosso mundo. (2006, p.12)

A contação de histórias para além do processo de aquisição da linguagem, da leitura e alfabetização envolve a ludicidade, as

habilidades de escuta, de sensibilidade, de saber olhar com os olhos da alma. Cabe destacar que tais processos podem estar inseridos na proposta de contação de histórias, todavia o seu fim não se encerra aí, ela agrega esses valores inerentes ao desenvolvimento integral da criança e além de tudo promove no ouvinte a compreensão, a transformação de forma autônoma, o despertar para os valores éticos voltados para a formação da autoestima, interação e cooperação social, de forma consciente e criativa.

É essencial destacar que pela literatura infantil a criança recebe de forma privilegiada o acesso a esse universo, se apropria de conhecimentos que são produzidos socialmente: à cultura, os valores e as formas de relação humana, a literatura infantil condensa esses elementos fundamentais e agrega qualidade a arte de contar histórias.

A arte de contar histórias na prática, recursos, técnicas e interesse dos alunos.

Vivemos num mundo turbulento, acelerado, de pernas para o ar, que grita por socorro, que sonha com dias melhores, é nesse grito de socorro que as histórias estão guardadinhas em segredos dentro do livro, na memória viva que ultrapassa gerações, numa caixinha

amarelada, ou num baú ou mala já gastos pelo tempo e em outros tantos lugares e objetos. Lá estão elas: as histórias, loucas para saltarem dali e se embrear na imaginação de cada um de maneira lúdica, criadora, promotora de medos, conflitos, ódio, amor, revolta, aventuras, vida e morte, guerra e paz pronta para a um novo fim, ou para o tradicional foram felizes para sempre!

Como destaca Bettelheim (2007) os contos de fadas folclóricos tiveram seus tempos de rejeita e repulsa, seja por educadores, seja pelos pais temerosos de lugares vindos da terra do nunca, cheios de monstros, ogros, e da crueldade contida neles, e tantas outras ideias errôneas destinadas aos contos. Mas eles ressurgem com vigor na mente das crianças, ganham sentido como algo próximo da sua realidade. Mesmo as histórias que remontam tempos primórdios, que ninguém sabe se existiram ou não, mas que fazem parte do arsenal histórico aproximam as crianças a uma linguagem acessível, que vai ao encontro as vivências tão contextualizadas com suas vidas.

Na contemporaneidade as famílias adquiriram novos formatos, os núcleos familiares ganharam contornos heterogêneos: podem ser compostas por pais separados, por casais do mesmo sexo, por avós, por nenhum deles, lares são desintegrados a todo o momento, crianças

sentem rejeição, abandono, tem dificuldade em lidar com as frustrações. É nesse universo que os contos desabrocham misturando fantasia com realidade; ao tratar de assuntos relacionados a crianças órfãs, filhos que vivem aos cuidados de uma madrasta ruim, filhos forçados a se separar dos pais e buscar sua própria sorte, crianças sem pais, etc.

As crianças se identificam com os heróis destes contos que os convencem, e aqui não está em julgamento como ele se tornou herói; ele pode ser um feio sapo que se transforma em príncipe ao ser beijado, pode ser uma pobre vítima de feitiços e magias que aguardam atitudes para vencerem na vida ou tantas outras configurações a que se destina os heróis. Ao ouvir os contos a criança se insere nele, se imagina o protótipo fiel do herói, pois eles (os contos) orientam-nas para o futuro: só será herói aquele que for capaz de vencer algo, buscar caminhos, partir para o mundo distante, ir à luta, ter medo, mas ter coragem de enfrentar os desafios, se isolar por um período, vencer barreiras sozinho, acreditando no seu potencial, recebendo ou não ajuda extra de seres das mais diferentes espécies, segundo o autor:

O contos de fadas, em contraste, toma estas ansiedades existenciais e dilemas com muita seriedade, e dirige-se

diretamente a eles: a necessidade de ser amado e o medo de uma pessoa de não ter valor, o amor pela vida, e o medo da morte. Ademais, o conto de fadas oferece soluções sob formas que a criança pode aprender no seu nível de compreensão. Por exemplo, os contos de fadas colocam o dilema de desejar viver eternamente ao concluir ocasionalmente “se eles não morreram”, ainda estão vivos”. O outro final- “e viveram felizes para sempre” - não engana a criança nem por um momento quanto à possibilidade de vida eterna. Mas indica realmente a única coisa que pode extrair o ferrão dos limites reduzidos do nosso tempo nesta terra; construir uma ligação verdadeiramente satisfatória com outra pessoa. Os contos ensinam que quando uma pessoa assim o fez, alcançou o Máximo, em segurança emocional de existência e permanência de relação disponível para o homem; e só isto pode dissipar o medo da morte. Se uma pessoa encontrou o verdadeiro amor adulto, diz também o conto de fadas, não necessita desejar vida eterna. Isto é sugerido por outro final muito comum: “eles viveram por um longo tempo, felizes e satisfeitos. p.19

Muitos autores apontam o lugar de destaque de cada categoria de história, conto, fábula, causo, lenda, história, etc. Cada qual tem seu valor, sua potencialidade literária, histórias que orientam, lendas explicativas da origem do mundo, contos que perpassam continentes, causos explicativos, histórias chamativas, sequenciais com o sem moral; seja em forma de fábula, lenda, conto, poesia ou música.

O sentido que o contador de histórias dá a elas é que faz toda a diferença, ele precisa fazer da melhor forma possível, de nada adianta

modelos, ideias, técnicas para esta arte se o contador não contar a história com afetuosidade e amor, com o coração conforme afirma Bussato (2006), nesse sentido os recursos internos e externos tornam-se preponderantes bem como o público a ser atendido e a faixa etária, o local, a voz, etc, no entanto a história não perde a sua qualidade quanto ela é previamente selecionada, planejada e estudada regrada a uma boa dose de encantamento, o sucesso é certo.

Pela literatura infantil é possível compreender as diferentes fases de formação do leitor, a faixa etária apropriada para cada tipo de história, que tipo de recurso utilizar, a forma como cada criança vai se apropriar delas antes mesmo do processo de codificação e decodificação da leitura e da escrita. Sabemos que o universo da literatura contribui para aquisição da leitura e da escrita bem como para a formação do leitor que em contato com este contexto movido pelo incentivo e estímulo do contador de histórias, envolto a um ambiente promissor desenvolve por vias de um processo natural o gosto e deleite pela leitura e escrita. “Podemos até rir de nós mesmos, na pele dos estúpidos e ignorantes que povoam esses contos, ao lado de sábios e dragões. Seja lá por que razão, o fato é que não conheço

ninguém que não goste de ouvir uma boa história”. (MACHADO, 2004, p.16).

Como enfatiza Machado (2004), se uma pessoa deseja aprender a nadar terá que se aventurar a entrar na água e praticar, para aprender a arte de narrar o processo é o mesmo: é preciso, estudo, investimento, pesquisas, buscar formação, técnicas e recursos permanentemente. A autora acredita que todos nós somos contadores de histórias, todavia para desenvolver esta arte de maneira eloquente requer garimpar recursos internos e externos, reconhecer e selecionar bons contos. Acrescenta ainda que é preciso seguir as histórias, pois são elas que indicam que rumo tomar, qual o caminho a seguir, o contador de histórias engajado num trabalho de qualidade deve considerar esses princípios como requisitos à sua arte.

Hoje o mercado literário disponibiliza livros das mais variadas formas e finalidades, para atender a todas as idades e gostos, com diferentes formatos, com o sem escritas, que viram brinquedos, que podem dobrar, que tem várias ilustrações, que são interativos, etc. A forma como os livros é apresentada para os alunos deve ser cuidadosamente pensada, planejada, articulada; deve-se considerar os elementos culturais, a faixa etária, a apropriação da história, o

contador de histórias tem que estar atento não só a estética do livro mas também para o conteúdo, ter cuidado com reprodução de estereótipos, história única, com mensagens preconceituosas e discriminatórias.

Em nossa sociedade, ainda é evidente atitudes machistas e racistas; muitas vezes as histórias reproduzem essa visão de mundo deturpada, discriminatória, estereotipada e preconceituosa por meio de mensagens subliminares, há ideias veladas e ocultas em muita literatura sem valor espalhadas por estantes de livrarias. Bettelheim (2007) destaca ainda que há muita literatura que não estimula o desenvolvimento da personalidade e da mente da criança, não provoca nas mesmas capacidades de resolver conflitos e resolver problemas. Para o autor:

A maioria da chamada “literatura infantil” tenta divertir ou informar, ou as duas coisas. Mas grande parte destes livros são tão superficiais em substância que pouco significado pode-se obter deles. A aquisição de habilidades, inclusive a de ler, fica destituída de valor quando o que se aprendeu a ler não acrescenta nada de importante à nossa vida. (p. 12)

O papel do contador é precípuo, demanda responsabilidade, dedicação, envolvimento, prazer, fascínio, alegria, toque, jeito para

contar e encantar, de nada vale o contador ter muitos apetrechos, recursos diversos se ele não almeja cada vez mais a habilidade que envolve sensibilidade para arte de contar histórias; ele precisa estar atualizado às transformações e inovações tecnológicas, às mudanças velozes do mundo. As tecnologias não podem ser vistas como um bicho de sete cabeças, mas um recurso a mais para sua atuação.

É importante analisar e escolher com detalhe a literatura que vai abordar, sendo assim é impreterível que o contador de histórias se debruce sobre que literatura utilizar, se indague sobre qual o sentido dela? Para qual público se destina? Isso exige muitas leituras de forma apurada, muitos estudos e pesquisas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

João e Maria
Chico Buarque

Agora eu era o herói
E o meu cavalo só falava inglês

*A noiva do cowboy
Era você além das outras três
Agora eu era o rei
Era o bedel e era também juiz
E pela minha lei
A gente era obrigado a ser feliz.
E você era a princesa
Que eu fiz coroar
E era tão linda de se admirar
Que andava nua pelo meu país.*

As ideias esboçadas neste artigo refletem um trabalho de compromisso e valorização do universo da contação de histórias, por meio da compreensão do seu papel e função no universo escolar. Como foi abordado: a contação de histórias pode ser compreendida como um instrumento valorativo de práticas significativas no âmbito educacional as quais corroboram com o desenvolvimento integral das crianças que paulatinamente vão galgando seus caminhos, suas construções sociais e históricas, traçando e definindo suas histórias de vida como protagonistas de seus próprios destinos.

São elas crianças, adultos, anciões que na relação com o outro e a partir do que lhe é ofertado vão desenvolvendo seu potencial

criativo, sua capacidade reflexiva, seu senso crítico. O docente responsável pela formação humana, mediador do sujeito com o mundo ciente da dimensão que envolve a arte de contar histórias, reconhece-a como partes integrantes do patrimônio cultural que necessita ser transmitidas, recriadas, repensadas, legitimam que elas (as histórias) devem ser impulsionadas como fator de interação social, aprendizagens ímpares e apropriação de diferentes formas culturais.

Sempre me assombro quando comprovo que nos nutrimos das palavras e dos símbolos que outros nos legaram; que desde muito cedo recorremos às histórias para os deciframos. Como aqueles antigos homens que juntavam pequenas tábuas de argila para criar significado, tenho presenciado esse fulgor de iluminação nos meus primeiríssimos leitores quando eles abrem uma história e, com a ajuda das vozes mais amadas, começam a inventar sua própria história. (REYES, 2010, p.14)

Esta história não se finda aqui, ela abre possibilidades para “um mar de histórias” repleto de novos horizontes instigados pela curiosidade que move as ondas do saber tanto de quem ensina como de quem aprende. Que urge provocar reviravoltas, inquietações em águas turvas ou serenas de novas descobertas, permeadas pela capacidade reflexiva da prática docente que se concretiza com processo infundável de aprendizagens múltiplas, representada por

desafios e avanços, ancorada nos princípios éticos e no exercício da docência como cumprimento do dever pela busca da qualidade do ensino.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny, **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. 5.ed, São Paulo: Scipione, 1995.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

BRANDÃO Ana Carolina Perrusi, Ester Calland de Sousa Rosa (org.), **Ler e escrever na Educação Infantil discutindo práticas pedagógicas**. 2.ed, Belo Horizonte: Autêntica editora, 2011.

BRUNO Bettelheim. **A Psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2007.

BUARQUE, Chico. João e Maria. Disponível em:
<http://www.vagalume.com.br/chico-buarque/joao-e-maria.html#ixzz3t1zEZ13>. Acesso em 01/12/2015 00.11

BUSSATO, Cléo. **A arte de contar histórias no século XXI**: tradição e ciberespaço. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

_____ **Contar e encantar- Pequenos Segredos da narrativa**: Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil**: teoria, análise, didática. 1.ed. São Paulo: 2000.

COELHO, Betty. **Contar histórias uma arte sem idade**. São Paulo: Ática, 1986.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam** 39º ed.- São Paulo, Cortez, 2000.

FONSECA. Edi. **Interações:** com olhos de ler, apontamentos sobre a leitura para a prática do professor da educação infantil. São Paulo, 2012, coleção interações.

GALVÃO, Isabel. Henri Wallon: **Uma concepção dialética do desenvolvimento infantil.** Petrópolis: Vozes, 1995.

GIL, Antonio Carlos, 1946- **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4.ed.- São Paulo: Atlas 2003.

MACHADO, Regina. **Acordais:** fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias. São Paulo, 2004.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky Aprendizado e desenvolvimento um processo sócio histórico.** São Paulo: Scipione, 1997.

REYES, Yolanda: **A casa imaginária:** leitura e literatura na primeira infância. 1ed.- São Paulo: Global, 2010.

THIOLLENT, Michel 1947 **Metodologia da pesquisa-ação**. 7ed, São Paulo, Cortez 1996.

ZILBERMAN, R. **A literatura infantil na escola**. 6 ed, São Paulo, Global, 1987.